

A edição de número 21 da revista **ARTEFILOSOFIA** está integralmente dedicada à música. Ela conta com textos de filósofos e musicólogos de perfis diversos, além de trazer uma entrevista com a organista Elisa Freixo, que, em 2015, comemorou os 30 anos de sua chegada a Mariana, cidade que se tornou o centro de suas atividades como organista, pesquisadora e divulgadora do repertório histórico para órgão. Em 1985 começa sua série de concertos na Catedral da Sé de Mariana, que de 1994 até hoje vem sendo realizada regularmente aos domingos e sextas. Essa edição da **ARTEFILOSOFIA** pretende homenagear essa grande artista por seu trabalho incansável e exemplar, destacando sobretudo sua contribuição decisiva à preservação da memória cultural das cidades históricas do estado de Minas Gerais. Assim, a presente edição começa com a entrevista concedida em 2015 por Elisa Freixo a Edilson V. de Lima e Rainer Patriota. Na entrevista, a musicista fala de sua formação e de sua fecunda trajetória musical, de sua experiência dentro e fora do Brasil e de sua vida em Minas Gerais, com suas alegrias, conquistas e frustrações...

A edição prossegue com o artigo do prof. António Lopes da Universidade de Lisboa que, com muita precisão e firmeza, reaviva os principais termos do debate em torno do atonalismo serial, posicionando-se claramente em sentido contrário ao pressuposto evolucionista de que esse tipo de composição representaria a superação da linguagem tonal. Munido-se de elementos colhidos na teoria generativa de Lehrdal e Jackendoff, na psicoacústica e na musicologia cognitiva, bem como nas formulações de Roger Scruton e Raffman, o filósofo português não apenas contesta a hipótese evolucionista e exclusivista encampada por várias gerações de vanguardistas no século passado, como também se propõe a evidenciar deficiências ou limites de expressividade e comunicabilidade no atonalismo serial.

Em total contraste com a perspectiva de António Lopes e indiferente às críticas à “nova música”, a estadunidense Shierry Nicholsen procura explorar justamente a dimensão da escuta em Adorno como uma extensão do processo compositivo, como um ato, por assim dizer, co-autoral. No texto de Nicholsen fica então sugerido que a nova música continua viva, na medida em que se impõe ao ouvinte como resistência e antídoto à regressão musical que, segundo pontificou Adorno, domina a cultura da sociedade de massa.

O texto de Antenor Ferreira Corrêa (UFB) trará para nossa discussão o pensamento do filósofo alemão Carl Dahlhaus, que toma a estrutura lógico-silogística como um parâmetro decisivo para que a análise musical possa equacionar um dos

maiores problemas ainda presentes em nossa contemporaneidade: o limite entre o objetivo e subjetivo em uma análise musical. E para dar corpo a essa discussão, Antenor Corrêa revisita estetas de formação analítica e hermeneutas, bem como e compositores engajados na produção de um corpo teórico-musical, efetuando, ao final, uma análise do quarteto de cordas, Opus 30 (1927) de Arnold Schoenberg (1874-1951).

Já o texto de Mônica Lucas (ECA-USP) aborda as matrizes formadoras do pensamento reformado na Alemanha, concentrando-se no livro de Johann Mattheson *Der vollkommene Capellmeister* ["O Mestre de Capela Perfeito", 1739] e propondo uma "genealogia" de seus conceitos que recua ao pensamento da Antiguidade Clássica, sobretudo Aristóteles, Platão, Cícero, Quintiliano e chega a filósofos dos séculos XVI e XVII, como o Emanuele Tesauro, Cesare Ripa, René Descartes, além de Christian Friedrich Hunold e Johann Wilhelm Albrecht, contemporâneos de Johann Mattheson. Lucas, em seu artigo, destaca a importância do conceito de *musica poética*, termo que dará, seguramente, um rumo diverso tanto para composição musical como para seu aspecto performativo.

O artigo de Edilson V. Lima (DEMUS-UFOP), concentra-se na questão diaspórica. Colocando em discussão o maxixe e focalizando o "Atlântico negro", ou seja, as trocas interculturais efetuadas já nos navios a singrar o oceano, a triangular entre a África, Europa e América. Dentro dessa visão, o maxixe (dança e gênero musical) nasceria como um produto da diáspora negra e seu encontro com a cultura ocidental via Portugal, ocorrida na segunda metade do século XIX na capital do Império e futura capital da República brasileira. Desta forma, o texto procura rediscutir as noções de local, nacional e transnacional colocando no centro os encontros e conflitos entre populações deslocadas no tempo e no espaço e como esta realidade será fundamental para a criação de autoridades sociais e, conseqüentemente, bens simbólicos e, em nosso caso, musicais, como o maxixe.

Tomando o conceito de melancolia como fio condutor, Rainer Patriota excursiona em seu texto pelo estilo de três grandes nomes da música do século XX, a cantora de blues Bessie Smith, a cantora de jazz Billie Holiday e o trompetista de jazz Miles Davis. Trata-se de um itinerário pelas formas que a melancolia assume enquanto afeto expressivo do discurso musical que teve como seu protagonista o negro estadunidense, afeto que não se confunde com passividade ou mero retraimento, constituindo-se antes numa fonte abundante de resistência e vitalidade.

No artigo de Clovis Salgado, o pensamento de Vladimir Jankélévitch é examinado na confluência entre música e antropologia filosófica. Como explica Salgado, as analogias propostas por Jankélévitch entre esses dois campos não emergem em virtude de meras associações externas, mas de características profundas que se verificam em tudo aquilo que é propriamente humano. Entre essas características, destacam-se a singularidade, a inefabilidade, a ambiguidade e a brevidade.

Debruçando-se sobre as referências ao jazz no romance *A Náusea*, de Sartre, Artur Ricardo de Aguiar Weidmann explicita o modo pelo qual o escritor e filósofo francês atribui à música o poder de suspender temporariamente a angústia e a “náusea” que se abatem sobre o jovem Roquentin em virtude de sua experiência com o caráter irremediavelmente contingente da vida.

Já Philippe Curimbaba Freitas, a fim de discutir o problema das relações entre música e linguagem no pensamento de Adorno, tematiza a antinomia concebida pelo filósofo frankfurtiano entre expressão e sistema à luz do fetiche musical e do expressionismo schoenberguiano.

Essa edição traz ainda uma resenha de Guilherme Paoliello do livro organizado por José Antônio da Costa Fernandes *Revolução dos Cravos e os trânsitos coloniais*. São Paulo: Editora Kafka, 2016.

Por fim, oferecemos ao leitor o enigmático e magnético poema de Adriano Menezes – “Música”.

Boa leitura a todos!

Rainer Patriota e Edilson V. de Lima  
(editores convidados)